

# Breve estudo filosófico sobre a finitude humana

Adolfo Borges Filho\*

## Sumário

1. Introdução: o enigma da morte. 2. Pensadores gregos que se tornaram precursores de uma *filosofia da morte*. 3. Refletindo sobre a finitude humana. 4. Conclusão: as religiões como paliativos da consciência da finitude humana. A fé. Referências bibliográficas.

## Resumo

O propósito principal deste breve estudo é o de refletir sobre a finitude humana com base na filosofia.

## Abstract

*The main purpose of this short study is to reflect on the finitude of human life based on philosophy.*

**Palavras-chave:** A finitude humana. Filosofia da Morte. A fé.

**Keywords:** *The finitude of human life. Philosophy of Death. The faith.*

## 1. Introdução: o enigma da morte

A partir de um certo estágio de nossas existências, o pensamento da *morte* se torna mais frequente e, ao mesmo tempo, assustador. Difícil precisar em que momento ele ocorre porque tudo depende do subjetivismo próprio de cada ser humano. De qualquer forma, o envelhecimento agrava esse medo porque, enquanto o indivíduo jovem vislumbra um futuro longo pela frente, com um passado ainda inconsistente, o idoso, ao contrário, tem um passado longo para recordar e um futuro que, a cada dia, lhe parece mais curto. Fato é que uma vez conscientes dessa realidade, um temor reverencial se apodera de nossos espíritos e, dependendo da pessoa e de suas características de personalidade, o pensamento pode se transformar em obsessão causando prejuízo ao nosso próprio desempenho na vida que levamos.

Interessante observar que na infância, na adolescência e, mesmo, na idade adulta, que poderíamos chamar de “intermediária”, a morte não nos aflige tanto porque se liga mais à *alteridade*: quem morre é o *outro*. E esse *outro*, sejam parentes próximos sejam amigos íntimos, tem um peso infinitamente maior do que aquela morte anunciada pela mídia social, em todas as suas modalidades, que pode nos levar a um choque passageiro, dependendo do nível de admiração que o morto desperta na nossa psique. Falo de atores,

---

\* Pós-graduado em Filosofia pela UCB. Procurador de Justiça inativo do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Vice-diretor da Revista de Direito do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor emérito da FEMPERJ.

atrizes, desportistas ou pilotos de fórmula 1, que desaparecem de seus palcos de atuação e recebem homenagens especiais caindo, tempos depois, no esquecimento.

Habitamos nos dias de hoje um mundo mais frio no que diz respeito ao contato humano. Com o espantoso crescimento da IA e de seus consectários como o *smartphone*, as pessoas estão mais afastadas, dando preferência a conversas por meio de textos, muitos deles recheados com a promessa de um encontro pessoal futuro que, na maior das vezes, vai sendo procrastinado até entrar no esquecimento. Não é incomum observarmos, em mesas de restaurantes, clientes debruçados sobre um *smartphone* ao invés de estarem atualizando conversas e se olhando verdadeiramente. O “outro” se torna invisível. Como assinalado por Byun-Chul Han:

A dominação do regime de informação é ocultada, na medida em que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais, da comodidade das máquinas de busca, das vozes embalantes das assistentes de voz ou da oficiosidade prestativa dos *smart apps*, os aplicativos inteligentes. O *smartphone* se revela como um *informante* eficiente, que nos submete a uma vigilância duradoura. (Han, 2022:16)

Ao qualificar o *smartphone* como um *informante eficiente*, é fato comum a interrupção do usuário com notícias trágicas vindas de todas as partes do país e do mundo. O título da notícia é sempre claro e, na maioria das vezes, a palavra *morte* aparece como chamariz de uma tragédia que acabou de acontecer. O leitor processa internamente a notícia e, se estiver acompanhado, costuma fazer um breve comentário sobre o que leu. Em pouco tempo, caso as vítimas não sejam publicamente conhecidas, a notícia “morre” aguardando um novo acontecimento. Todos esses tipos de atitude se acham situados no terreno do *afeto*, sentimento que parece desaparecer, paulatinamente, do mundo atribulado que vivenciamos.

O medo da morte, ao mesmo tempo que nos aflige, colide em muitos seres humanos com uma contradição muito bem realçada pela Dra. Ana Claudia Quintana Arantes:

Muita gente tem medo da morte. E me espanto quando vejo como vivem: bebem além da conta, fumam além da conta, trabalham além da conta, reclamam além da conta, sofrem além da conta. E vivem de um jeito insuficiente. Gosto de provocar dizendo que são pessoas corajosas. Têm medo da morte e se apressam loucamente em encontrá-la. (Arantes, 2022:68)

Nos itens seguintes, discorreremos resumidamente sobre como alguns filósofos trataram do tema *morte*, dedicando o último deles às crenças paliativas, fundadas principalmente na fé, quanto à existência de um mundo *post-mortem*.

## 2. Pensadores gregos que se tornaram precursores de uma *filosofia da morte*

O grande filósofo alemão Arthur Schopenhauer mostrou ao mundo a sua preocupação acerca do tema a ponto de escrever um livro inteiramente voltado aos mistérios que envolvem o final da vida humana sobre a terra e intitulou-o “Sobre a morte - pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas”.

O ser humano é o principal protagonista desse mistério graças ao nível de consciência de que é dotado. Ele sabe que vai morrer e, como já dissemos acima, dependendo de circunstâncias subjetivas e objetivas, pode ser tomado por um medo passageiro ou mesmo duradouro tendo como conteúdo a sua finitude. Encontramos esse medo, de forma mais rude, em todos os outros seres vivos. Veja-se que até mesmo um inseto se vê ameaçado quando tentamos persegui-lo na busca de seu aniquilamento. Mas, na hipótese do ser humano, a *morte* é uma presença marcante que, em geral, é simbolicamente representada por uma figura de caveira com trajes negros e segurando uma foice.

Voltando a Schopenhauer, destacamos da obra supracitada um excerto bem interessante e elucidativo versando sobre o relevante lugar ocupado pela morte na filosofia grega que, segundo o filósofo alemão, perpassa toda a filosofia:

A morte é o verdadeiro gênio inspirador ou o Muságeta da filosofia, razão pela qual Sócrates também a definiu como *thanatou meliète* [preparação para a morte]. De fato, sem a morte, seria até difícil filosofar. Por isso, é perfeitamente legítimo que uma consideração especial sobre a morte seja colocada aqui, no início de nosso último livro, que é o mais sério e o mais importante de todos. (Schopenhauer, 2023: 3)

Com base no artigo “O ciclo da vida”, escrito por Lya Luft para a revista VEJA 2388, de 27 de agosto de 2014, no *handout* de aula “Discussão acerca da morte a partir de Platão, Sócrates e Epicuro”, a escritora reiterou o que já havia sido dito por Schopenhauer ao falar de Sócrates:

De Platão (428-347 a.C) a Heidegger (1889-1976), a tradição filosófica é repleta de teorias e ensinamentos sobre a morte, tema tão amedrontador quanto instigante. Schopenhauer (1788-1860), um dos mais ilustres pensadores alemães do século 19, chega ao ponto de afirmar que “a morte é a musa da filosofia” e, por isso, Sócrates definiu a filosofia como “preparação para a morte.” Sem a morte, seria mesmo difícil que se tivesse filosofado.

Ainda no âmbito da filosofia grega, ponha-se em destaque o pensamento de Epicuro que, segundo o professor Bernard N. Schumacher:

A separação da alma e do corpo com o falecimento não quer dizer, para Epicuro, que a alma continue a existir em si, como afirmam Platão e, segundo algumas interpretações, Aristóteles. Corpórea, pois é composta de átomos e, portanto, mortal, a alma se dissolve na hora da morte, seus

átomos se dispersando em todos os sentidos. Assim, a alma “morta” está impossibilitada de ter sensações. (Schumacher, 2009:193)

Retomando a linha de pensamento de Sócrates, se não existisse a morte, o que seria da metafísica, por exemplo? No kantismo, elaboram-se formas ou leis que constituem a razão como fundamento de realidades que se acham num nível superior do conhecimento humano como a totalidade cósmica, Deus ou a alma humana etc. No artigo publicado pelo professor Eduardo Nasser (“Cadernos de Filosofia Alemã” - número 11, p. 99-11, janeiro-junho 2008, página 7), intitulado *Nietzsche e a morte*, aponta-se para a distinção que o filósofo alemão faz da “morte covarde” da “morte voluntária”. Na lição do autor supracitado, “A morte covarde” pode ser definida, em poucas palavras, como a experiência da morte como um ‘acaso’, cujo efeito imediato é o desejo de morrer. Nesse caso, deseja-se morrer porque se morre. A falta de longevidade da vida basta para que se pregue o abandono da mesma. Aqueles que pensam assim, dirá Nietzsche, são os “pregadores da morte”. Em contrapartida, a “morte voluntária” é aquela que vem no “tempo certo” porque “eu quero”. A maneira de querer a morte agora distingue-se daquela cultivada pelos pregadores da morte. Antes de desejar a morte porque se morre, o adepto da morte voluntária quer a morte para afirmar a si mesmo. Deixa de fazer sentido tomar a morte por um estranho que rouba a vida, pois ela é sempre a *minha morte*, ou seja, algo de intrínseco ao meu próprio ser”.

O gênio de Sócrates conseguiu sintetizar, em poucas palavras, o porquê de a morte ser considerada a “musa da filosofia”.

### 3. Refletindo sobre a morte

Por que temos que morrer após construirmos uma bagagem intelectual respeitável, uma carreira brilhante em áreas diversas do conhecimento, um dom especial para a música, como instrumentista, cantor ou maestro? E, dependendo da profissão escolhida, a vida material pode se tornar cada vez mais requintada graças ao patrimônio amealhado. E essa morte não pode sequer ser programada a não ser que optemos pela morte assistida ou pelo suicídio. Na denominada morte assistida, já praticada em alguns países, como a Holanda, busca-se a interrupção da vida quando percebemos que a sua continuidade nos trará mais sofrimento, diante de uma doença grave diagnosticada. No suicídio, é possível que haja uma escolha consciente de dar um fim à existência até por razões filosóficas, como ocorreu com o próprio Sócrates que poderia ter sido absolvido caso tivesse desistido de hostilizar os jurados. De acordo com o livro “The Trial of Socrates”, de I. F. Stone, muito bem transcrito por Augusto de Franco no artigo publicado no sítio “Dagobah” ([www.dagobah.com.br](http://www.dagobah.com.br)):

O próprio Sócrates, segundo a Apologia de Platão, julgava que seria condenado. Isso, por si só, disse Sócrates ao júri, “não causou surpresa.” O que o surpreendeu foi o fato de que muitos votaram a favor de sua absolvição. Assim, claramente, não se tratava de uma turba de linchadores. Sócrates observou que, “com a mudança de apenas trinta votos, eu estaria absolvido.”

Vivemos em sociedade, num determinado país e numa determinada cidade. Entra em cena uma verdadeira loteria no tocante a acidentes fatais, latrocínios ou até mesmo

revoluções e guerras que dizimam um grande número de pessoas. E cada um de nós pode ser vítima fatal de qualquer um desses eventos.

Schopenhauer pode nos ajudar na conclusão deste item através de seu livro “Sobre a morte – pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas”, mais precisamente quando discorre sobre o “Morrer”:

Sempre que um homem morre, um mundo desaparece, ou seja, aquele mundo que ele traz em sua cabeça; quanto mais inteligente a cabeça, mais compreensível, claro, significativo e abrangente é esse mundo e tanto mais horrível é seu desaparecimento.

Creio que, no momento da morte, damo-nos conta de que uma mera ilusão limitara nossa existência à nossa pessoa.

Certamente, a morte deve ser vista como o verdadeiro objetivo da vida: no momento em que ela se dá, é decidido tudo aquilo que fora apenas preparado e introduzido ao longo de todo o curso da vida. (Schopenhauer, 2023:63)

#### **4. Conclusão. As religiões como paliativos da consciência da finitude humana.**

##### **A fé**

O filósofo francês André Comte-Sponville, na sua obra “O Espírito do Ateísmo”, nos mostra a dificuldade de definir o que vem a ser “religião” e, de uma maneira “não totalmente satisfatória”, assevera que:

O que há de comum entre o xamanismo e o budismo, entre o animismo e o judaísmo, entre o taoísmo e o islã, entre o confucionismo e o cristianismo? Não será um equívoco utilizar a mesma palavra, “religião”, em todos esses casos? Não estou longe de pensar que sim. Várias dessas crenças, principalmente as orientais, parecem-me constituir uma mistura de espiritualidade, de moral e de filosofia, mais que uma *religião* no sentido em que normalmente utilizamos a palavra no Ocidente. Elas dizem respeito menos a Deus do que ao homem ou à natureza. Pertencem menos à fé do que à meditação; suas práticas são menos ritos do que exercícios ou exigências, seus adeptos formam não tanto Igrejas quanto escolas de vida ou de sabedoria. É o caso em especial do budismo, do taoísmo ou do confucionismo, pelo menos em sua forma pura ou purificada, quero dizer, independentemente das superstições que, em todos os países, vêm se acrescentar ao corpo da doutrina, até torná-la, às vezes, irreconhecível. A propósito delas chegou-se a falar de religiões ateias ou agnósticas. (Comte-Sponville, 2007:11-12)

Quando assumimos, por inteiro, a prática de uma “religião ocidental”, ficamos amarrados em dogmas criados por seres humanos, que se tornam arautos da divindade através, inclusive, da errônea exegese, por exemplo, de textos sagrados. Pior ainda é a

oratória de pregadores calcada em propaganda de vida eterna em local privilegiado do cosmos, que enchem templos e exploram os crédulos que abrem mão de suas suadas economias para obterem, por exemplo, a cura de uma doença, ou mesmo a aquisição de um local privilegiado onde possam desfrutar da eternidade. Observe-se que o medo primário é o de morrer e, paradoxalmente, o secundário é o de não garantir um bom lugar após o falecimento. Essas igrejas tornam-se potentados e se imiscuem na política de determinado país para que possam garantir, de forma mais eficaz, o seu poder material.

O fanatismo religioso é outra praga que assola o planeta dizimando vidas em nome de uma entidade abstrata que lhe garantirá a *vida eterna*. Fato é que o ser humano está perdido diante de tanto mistério; a começar pela própria existência de um universo que a ciência, mesmo com a utilização de sofisticadas máquinas, não conseguiu desvendar a sua origem ou o seu tamanho.

No nosso país proliferam os centros espíritas, terreiros de umbanda e de candomblé, que pregam a reencarnação como sendo a explicação da existência do espírito e de sua continuidade neste mundo por meio de um recomeço, com um novo corpo e sujeito ao pagamento de dívidas espirituais contraídas em encarnações anteriores.

Não vislumbramos uma conclusão final para este trabalho porque o filosofar sobre esse tema só nos leva a mergulhar, cada vez que tentamos deslindar o enigma, num vazio existencial, num nada atemorizante. Feliz é aquele que tem fé porque consegue apaziguar a mente, vivendo estoicamente nesse mundo tão impregnado de ódio e de desilusões. E a natureza, a música e a poesia podem preencher os buracos negros de nossos espíritos. O filósofo Byung-Chul Han transcreve no seu livro "Morte e Alteridade" uma lenda chinesa que serve para nossa meditação:

Entre as pessoas de We vivia um homem de nome Wu de Osttor. Quando seu filho morreu, ele não ficou triste. Seu senhorio falou com ele então: 'Não havia no mundo que amasse seu filho como o senhor. Agora o seu filho morreu, e você não está triste com isso?' Wu de Osttor respondeu: "Houve um tempo em que eu era inteiramente sem filho, e naquele tempo, como eu não tinha nenhum filho, eu não estava triste. Agora, o meu filho morreu, e é exatamente como antes, quando eu não tinha nenhum filho. Por que eu deveria estar triste?" (LIA-DISI. *O verdadeiro livro do fundamento originário de que tudo jorra*) (Han, 2020: 365-366)

### Referências bibliográficas

ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia*. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

\_\_\_\_\_. *Morte e Alteridade*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

SHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a morte – pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas*. Organização de Erst Ziegler. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2023.

SCHUMACHER, Bernard N. *Confrontos com a morte- A filosofia contemporânea e a questão da morte*. Tradução de Lúcio Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2009.